

**A LINGUÍSTICA COGNITIVA
E OS ESTUDOS DA LINGUAGEM:
UMA NOVA ABORDAGEM TEÓRICA**

Eduardo Santana Moreira (FAPERJ/UFRRJ)

eduardo.santana3@yahoo.com.br

Rozalva Maria Palomanes Ribeiro (FAPERJ/UFRRJ)

rozapalomanes@terra.com.br

RESUMO

A linguística cognitiva, a partir de uma reavaliação dos pressupostos gerativistas, estabeleceu-se, por volta dos anos 80, como uma nova abordagem nos estudos da linguagem, principalmente no que diz respeito a sua relação com a experiência humana e as práticas socioculturais. Assim, neste artigo, produzido com o apoio da bolsa de Iniciação Científica da FAPERJ, propôs-se realizar uma breve sistematização das principais inovações conceituais e epistemológicas do cognitivismo, sobretudo no tratamento de questões relacionadas à categorização e conhecimento de mundo. Inicialmente, faz-se uma revisão da literatura gerativista (CHOMSKY, 1975), analisando-se o princípio da modularidade dentro desta corrente linguística e, mais à frente, da análise original de categorização (KATZ; FODOR, 1963); posteriormente, introduzem-se autores que trabalham com a linguística cognitiva (LANGACKER, 1987; FAUCONNIER, 1997; SILVA, 1991; GEERAERTS, 2006; GOLDBERG, 2006), enfocando-se a forma como esta lida com os aportes teóricos a ela anteriores, baseando-se nas obras extensas de pesquisadores brasileiros contemporâneos, como Ferrari (2010, 2014), Leite (2006), Martelotta (2012) e Ribeiro (2007).

Palavras-chave:

Cognitivismo. Gerativismo. Linguagem. Categorização. Construção de significado.

1. Apresentação

Um dos grandes pilares da linguística cognitiva é a premissa de que a linguagem é um processo cognitivo mediado pela experiência humana. Sendo uma ciência cognitiva, esse campo de estudo linguístico apresenta uma renovação na investigação da linguagem, uma vez que leva em consideração os processos de conceptualização e categorização do mundo como recursos para entender a realidade do falante.

Outra característica essencial desta vertente é o princípio da *não*

modularidade, que faz com que se afaste da perspectiva postulada pelo gerativismo. Para essa corrente teórica, a mente humana estaria subdividida em módulos ou pares, e cada um deles corresponderia a determinados domínios do conhecimento. Para esse grupo de estudiosos em gerativismo, o módulo da linguagem é constituído independentemente dos demais, ou seja, morfológico, semântico e fonológico.

Posto isto, o presente artigo propõe-se apresentar considerações introdutórias acerca da linguística cognitiva, baseando-se, sobretudo, na obra de autores consagrados como Langacker (1987, 1991), Goldberg (1995, 2006), Fauconnier (1997), Croft (2001), Fauconnier e Turner (2002), Geeraerts (2006), Ribeiro (2007), Ferrari (2010, 2014) bem como e Martelotta (2012), além de Chomsky (1975) para entender os conceitos gerativistas.

Por questões de organização textual, os modelos de gramáticas apresentados na seção de fundamentação teórica não são explorados neste momento. Contudo, espera-se que este trabalho – que é resultado dos estudos iniciais da bolsa de iniciação científica concedida pela FAPERJ – possa contribuir de modo significativo para as pesquisas na área da linguagem, auxiliando, principalmente, os novos pesquisadores da área.

2. Linguística cognitiva e linguagem

A expressão linguística cognitiva surgiu entre o final da década de 70 e o início da década de 80, motivada pelos interesses de estudiosos acerca da investigação do fenômeno da significação (FERRARI, 2014; RIBEIRO, 2007; SILVA, 1997). Essa vertente viria a firmar-se no cenário internacional, com efeito, nos anos 1980, ainda que não possuísse tão grande valorização. Contudo, o termo desenvolveu-se e consolidou-se no meio intelectual, em virtude de sua compatibilidade com os princípios básicos sobre a construção do significado, passando a obter, então, um prestígio no espaço acadêmico (FERARRI, 2014, p. 13). Nos anos 90, a linguística cognitiva institucionalizou-se com a publicação de obras como a *International Cognitive Linguistics Association*, a revista *Cognitive Linguistics* (sob orientação de Dirk Geeraerts) e da coletânea *Cognitive Linguistics Research*, editada por René Dirven e Ronald Langacker (GEERAERTS, 2006; RIBEIRO, 2007).

A linguística cognitiva conta como principais precursores os norte-americanos George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Char-

les Fillmore, além do francês Gilles Fauconnier, cujas extensivas pesquisas sobre a estrutura semântica gerativa das línguas originou um descontentamento com o papel da Semântica/Pragmática no paradigma (FERRARI, 2014), proporcionando, a partir disso, um novo campo de investigação nos estudos da linguagem, o qual atualmente se designa como *cognitivo* ou *cognitivista*²² pelos linguistas que o seguem (MARTELOTTA & RIBEIRO, 2012).

Esses pesquisadores da linguagem, em um primeiro momento, validavam-se da perspectiva cognitiva da teoria gerativa, para a qual “a linguagem é o espelho da mente” (CHOMSKY, 1975). Todavia, no decorrer de suas verificações, adotaram uma nova abordagem teórica mais adequada à interface entre sintaxe e semântica, examinando, sobretudo, as relações de forma e significado na teoria linguística (FERRARI, 2010, 2014), além do eixo de cunho pragmático relacionada à experiência da linguagem em uso. (RIBEIRO, 2007, p. 23)

Para que isso fosse possível, tais pesquisadores “propuseram um afastamento da perspectiva *modular* de cognição adotada pelo gerativismo” (FERRARI, 2014, p. 13). A teoria gerativa²³ proposta Noam Chomsky conjectura que a mente humana é subdivida em módulos ou pares, e que cada uma desses módulos responde a uma determinada propriedade do conhecimento. Nesse sentido, “esses módulos atuam separadamente, de maneira que cada um deles só tem contato com o resultado final do trabalho dos outros”. (MARTELOTTA & RIBEIRO, 2012, p. 178)

Destarte, para os gerativistas, o módulo da linguagem é independente²⁴, i.e., apresenta propriedades autônomas dos demais, como por

²² De acordo com Martelotta & Ribeiro (2012, p. 179), alguns autores, por entenderem que há na abordagem uma integração de fenômenos referentes aos processos de interação social, aditam o prefixo *sócio-* à nomenclatura, formando, assim, *sociocognitivismo*. “Esse termo enfatiza a importância do contexto nos *processos de significação* e o aspecto social da cognição humana” (*idem, ibidem*).

²³ “[...] o gerativismo de Chomsky fundou uma tendência, nos estudos linguísticos, de considerar a linguagem um sistema de conhecimento autônomo, depositado no cérebro dos indivíduos e constituído de uma série de princípios inatos referentes à estrutura gramatical das línguas”. (MARTELOTTA & RIBEIRO, 2012, p. 177)

²⁴ Conforme Ribeiro (2007), “negando a tese da *autonomia* da linguagem, a linguística cognitiva opõe-se ao estruturalismo e ao gerativismo. O estruturalismo linguístico [sic], nas suas diferentes formas, entende e estuda a linguagem como *um sistema que se basta a si mesmo*, com uma estrutura própria e seus próprios princípios constitutivos. Por isto, considera como aspectos extralinguísticos [sic] o mundo e nossa percepção dele”. (RIBEIRO, 2007, p. 23-24)

exemplo, os módulos cognitivos (CROFT; CRUSE, 2004; FERRARI, 2010, 2014; LEITE 2006; RIBEIRO 2007). Além disso, essa corrente linguística postula que o módulo sintático obtém em sua natureza propriedades independentes dos módulos fonológicos, semânticos e morfológicos. Com isso, entende-se que o falante emprega propriedades inatas para executar construções objetivas nas línguas naturais, sem estarem relacionadas aos significados vinculados a esses (MARTELOTTA & RIBEIRO, 2012), o que difere da proposta da linguística cognitiva²⁵, como evidenciado por Ferrari (2014):

A linguística cognitiva, por sua vez, adota uma perspectiva não modular, que prevê a atuação de princípios cognitivos gerais compartilhados pela linguagem e outras capacidades cognitivas, bem como a interação entre os módulos da linguagem, mais especificamente, entre estrutura linguística e conteúdo conceptual. (FERRARI, 2014, p. 14)

Além disso, Ribeiro (2007) ressalta que

A gramática gerativa de Chomsky e seus discípulos defende que a *faculdade da linguagem* é um componente autônomo da mente e, em princípio, independente de outras faculdades mentais; portanto, o conhecimento da linguagem seria independente de outros tipos de conhecimento. A linguística cognitiva, por sua vez, rejeita o princípio de autonomia da linguagem, a afirmação da discrição e homogeneidade das categorias linguísticas, a ideia de que a linguagem é gerada por regras lógicas e por traços semânticos objetivos e a tese chomskyana da autonomia e da não-motivação semântica e conceptual da sintaxe. (RIBEIRO, 2007, p. 24)

Semelhantemente, Martelotta & Ribeiro (2012) afirmam:

Segundo os cognitivistas, a linguagem não constitui um componente autônomo da mente, ou seja, não é independente de outras faculdades mentais. Sua proposta teórica, portanto, busca uma visão integradora do fenômeno da linguagem com base na hipótese de que não há necessidade de se distinguir conhecimento linguístico de conhecimento não linguístico. (MARTELOTTA & RIBEIRO, 2012, p. 179)

Como demonstrado por Ferrari (2014), tornam-se notórios os contrastes adotados por ambos os campos de estudos: a teoria gerativa compreende que o significado de uma oração é estabelecido unicamente pelos mecanismos utilizados pelos indivíduos, a fim de interpretá-las; a lin-

²⁵ Para Ferrari (2010, p. 179), “uma das principais premissas da linguística cognitiva é a de que léxico e sintaxe não constituem módulos rigidamente separados, mas formam um *continuum* de construções, partindo de elementos muito específicos, como o item lexical *cadeira* ou a expressão idiomática *dar no pé*, até padrões mais abstratos, tais como a categoria “verbo” ou a construção transitiva [SN1 V SN2]”.

guística cognitiva, por outro lado, “defende que a relação entre palavra e o mundo é mediada pela cognição” (FERRARI, *op. cit.* p. 14). É também a premissa compartilhada por Silva (1997, p. 59), para quem “a linguística cognitiva é uma abordagem da linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana do mundo”. Assim, Geeraerts acrescenta que

O significado não é apenas uma reflexão objetiva do mundo exterior, é uma maneira de dar forma a esse mundo. Pode-se dizer que ele interpreta o mundo de uma maneira particular, que ele incorpora uma perspectiva sobre o mundo. A maneira mais fácil de entender o ponto é pensar em perspectivas espaciais aparecendo em expressões linguísticas, e a forma em que a mesma situação objetiva pode ser interpretada linguisticamente de maneiras diferentes²⁶. (GEERAERTS, 2006, p. 4)

Ribeiro (2007, p. 23), concordando com esse ponto de vista, nota que a linguística cognitiva “pode ser vista como a renovação do interesse por se estudar a conceptualização da realidade pela língua” e, posteriormente, explana que esse campo de estudo “é uma abordagem da linguagem que vê o conhecimento em conexão com as experiências de mundo do ser” (*idem, ibidem*, p. 27). Além disso, para Ferrari (2014, p. 15), “a linguística cognitiva concebe o significado como construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais”.

A partir dessa concepção, o sentido adquire uma nova propriedade, não passando a ser visto meramente como um reflexo do mundo, mas intermediado pela construção cognitiva²⁷ através de situações empíricas do usuário da língua, ou seja, a partir do contexto situacional e linguístico (FERRARI, 2014; MARTELOTTA & RIBEIRO, 2012). Assim, para Geeraerts (2006), “o significado que construímos na e pela linguagem não é um módulo separado e independente da mente, mas reflete nossas

²⁶ “Meaning is not just an objective reflection of the outside world, it is a way of shaping that world. You might say that it construes the world in a particular way, that it embodies a perspective onto the world. The easiest way to understand the point is to think of spatial perspectives showing up in linguistic expressions, and the way in which the same objective situation can be construed linguistically in different ways” [Todas as traduções neste trabalho são de minha autoria, salvo indicação em contrário].

²⁷ Cf. Ferrari (2010, p. 151): “a semântica cognitiva fundamenta-se na ideia de que o significado de uma expressão linguística não reflete diretamente a relação entre “palavra” e “mundo”, mas é sempre mediado por processos inerentes à cognição humana”.

experiências gerais como seres humanos²⁸⁷ (GEERAERTS, 2006, p. 5), reforçando, sobretudo, o pensamento dos autores precedentemente aludidos:

[...] nosso primeiro contato com o mundo se dá através dos nossos sentidos corporais, e a partir daí algumas extensões de sentido são estabelecidas. Segundo esse ponto de vista, nossa estrutura corporal é extremamente importante, já que a percepção que temos do mundo é limitada por nossas características físicas. (MARTELOTTA & RIBEIRO, 2012, p. 181)

Semelhantemente, Leite (2006, p. 13.) demonstra acreditar nesta perspectiva ao postular que,

Para a linguística cognitiva (...), o homem traz para a sua linguagem as suas experiências sensório-motoras mais básicas como movimento, mudança de estado, transferência (relação de posse) e, a partir disso, estrutura sua língua com base nessas experiências. Sendo assim, para a *linguística cognitiva*, a compreensão passa, diretamente, pela percepção físico-espacial que temos do mundo. (LEITE, *op. cit.*, p. 13)

Assim, é necessário “ênfatizar a importância do corpo e das restrições que ele impõe ao modo como experienciamos o mundo implica admitir a importância da noção da perspectiva no processo de significação e expressão do mundo”. (MARTELOTTA & RIBEIRO, 2012, p. 183)

De acordo com Ferrari (2014, p. 14), as “palavras não *contêm* significados, mas orientam a construção de sentido”. Aliás, “na concepção cognitivista não há significados prontos, mas mecanismos de construção de sentidos a partir de dados contextuais essencialmente ricos e dinâmicos” (MARTELOTTA & RIBEIRO, 2012, p. 179). A consideração apontada pelos autores é comumente vista na expressão metafórica de que “a linguagem é a ponta visível do *iceberg* da construção invisível do significado”, citada, inclusive por Fauconnier (1997, p. 1). Nessa acepção, ressalta-se o que o significado de uma palavra muda e com ela a visão sobre o objeto analisado.

Geeraerts concorda com a hipótese ao mencionar, por exemplo, que “para a teoria da linguagem, isto significa que não podemos apenas pensar na linguagem como processo de estrutura mais ou menos rígido e estável²⁹⁷” (GEERAERTS, 2006, p. 4), mas, sim, como uma estrutura li-

²⁸ “The meaning we construct in and through the language is not a separate and independent module of the mind, but it reflects our overall experience as human beings.”

²⁹ “For a theory of language, this means that we cannot just think of language as a more or less rigid and stable structure”.

vre, uma vez que “se o significado é a marca registrada da estrutura linguística, então devemos pensar nessas estruturas como flexíveis³⁰” (*idem*, *ibidem*, p. 4).

Note-se que ainda que a linguística cognitiva explore as extensões dos sentidos, cabe salientar que essa área de estudo não é a única cuja abordagem teórica trate de pesquisas relacionadas à semântica (FERRARI, 2014; GEERAERTS, 2006; RIBEIRO, 2007). Há, também, contribuições relevantes provenientes de estudiosos funcionalistas sobre a semântica formal, cujo foco primordial dá-se pela centralidade na área do significado (FERRARI, 2014). Abordando o caráter abrangente da linguística cognitiva, Geeraerts (2006) dirá que

Linguística cognitiva, quando considerada à luz dessa metáfora, assume mais a forma de um arquipélago do que de uma ilha. Não é um território grande e bem delimitado, mas sim um conglomerado de centros de pesquisa linguística mais ou menos extensos, mais ou menos ativos, que estão intimamente unidos por uma perspectiva que compartilham, mas que não estão (ainda) reunidos sob a regra comum de uma teoria bem definida³¹. (GEERAERTS, 2006, p. 2)

Analogamente, Ferrari (2010, 2014) exprime que esse campo de estudo linguístico não apresenta uma visão homogênea, mas abrange um conjunto de abordagens teóricas, cujas premissas compartilham hipóteses gerais acerca de pareamento de forma-significado de caráter cognitivo dos processos semânticos. Silva (1997) afirma que os principais temas de interesse da linguística cognitiva são

[...] as características estruturais da categorização linguística (tais como prototipicidade, polissemia, modelos cognitivos, metáfora e imagens mentais), os princípios funcionais da organização linguística (iconicidade e naturalidade), a interface conceptual entre sintaxe e semântica, a base pragmática e ligada à experiência da linguagem-no-uso e a relação entre linguagem e pensamento (incluindo questões sobre o relativismo e sobre os universais conceptuais). (SILVA, 1997, p. 59)

Como previamente demonstrado, a linguística cognitiva interessa-

³⁰ “If meaning is the hallmark of linguistic structure, then we should think of those structures as flexible”.

³¹ “Cognitive Linguistics, when considered in the light of this metaphor, takes the form of an archipelago rather than an island. It is not one clearly delimited large territory, but rather a conglomerate of more or less extensive, more or less active centers of linguistic research that are closely knit together by a shared perspective, but that are not (yet) brought together under the common rule of a well-defined theory”.

se pela estrutura de categorização nas línguas naturais. Esse modo de interagir com a realidade, nos termos de Martelotta & Ribeiro (2012, p. 180) é analisado como uma estratégia cognitiva que os falantes dispõem para criar categorias no mundo a partir de associações. Assim, para esses autores, objetos e, principalmente, gestos podem ser categorizados em uma escala diferenciada devido à forma como o interlocutor interage na sociedade.

Ferrari (2014, p. 31) alega que “a categorização é o processo através do qual agrupamos entidades semelhantes (objetos, pessoas, lugares etc.) em classes específicas”. Além do mais, o modelo de categorização pode ser aplicado a qualquer subdivisão existente, até mesmo na *linguagem* propriamente dita. Segundo a autora,

Nossas estratégias de categorização estão intimamente relacionadas à nossa capacidade de memória. Podemos agrupar objetos em categorias para falar do mundo, mas não podemos criar um número infinito de categorias, pois isso acarretaria em sobrecarga em termos de processamento e armazenamento de informações. (FERRARI, 2014, p. 31-32)

Ferrari (2014) ressalta que as reflexões acerca do processo de categorização não advêm de questões triviais, haja vista que esse modelo de pensamento já circulava na história do pensamento ocidental (FERRARI, 2014, p. 32), por meio das indagações filosóficas de Aristóteles em relação ao assunto. Com a evolução nos estudos científicos, obtiveram-se, então, investigações de natureza experimental no âmbito da Psicologia Cognitiva, no século XX, e de outras Ciências Cognitivas³², dentre elas destaca-se a linguística cognitiva, na transição dos séculos XX para XXI (FERRARI, 2014). Geeraerts conclui que a

A linguística cognitiva enfatiza o fato de que a definir uma categoria pode significar descrever alguns de seus principais membros, em vez de dar apenas uma definição abstrata. Mas ela também salienta que a definição abstrata não precisa consistir de um único conjunto de características definidoras que pertençam única e distintamente a tal categoria³³. (GEERAERTS, 2006, p. 2)

³² Assim, para Ribeiro (2007, p. 24-25), “a linguística cognitiva caracteriza-se, ainda no quadro da ciência cognitiva, pela importância que atribui à semântica na análise linguística [sic]. A primazia da semântica decorre da própria perspectiva cognitiva: a linguagem funciona como um dispositivo cognitivo para a construção do conhecimento, acionando um conjunto de princípios relativamente limitados, que operam sobre os conhecimentos armazenados na memória ou presentes na situação comunicativa”.

³³ “Cognitive Linguistics emphasizes the fact that defining a category may involve describing some of its principal members rather than just giving an abstract definition. But it also stresses that the abstract definition need not consist of a single set of defining characteristics that belong uniquely and

A visão clássica a respeito do fenômeno de categorização exigia que o objeto categorizado apresentasse todos os atributos definidores. Segundo esse modelo, para se chegar à conclusão de que um determinado animal pertencia à classe ave, por exemplo, ele deveria ter *bico*, *asas*, *poder voar* e *pôr ovos* (FERRARI, 2014, p. 33). Entretanto, esse arquétipo de estrutura foi revisado pela semântica estruturalista, com a publicação do trabalho de Katz e Fodor (1963). Nessa obra, os autores lançaram mão de um sistema específico para delimitar a estrutura semântica de um determinado item lexical. A palavra ÉGUA, analisado dentro dessa nova concepção, apresentaria características diferenciadas do item lexical CAVALO, no que tange os traços de gêneros. Com isso, CAVALO seria [EQUINO], [MACHO+] e [ADULTO+], ao passo que ÉGUA constituiria [EQUINO], [MACHO-] e [ADULTO+].

Além da visão de traços adotados, Ferrari menciona haver dentro do sistema de categorização uma relação de ordenação entre categorias prototípicas e fronteiras categoriais, cujos membros encontram-se reunidos sob uma escala de *prototipicidade* (FERRARI, 2014). Assim, para a autora “a organização categorial envolve desde representantes mais centrais, com suficiente similaridade ao protótipo, até representantes muito periféricos, que constituem efeitos do protótipo e apresentam poucos traços em comum com o núcleo categorial” (FERRARI, 2014, p. 41), como pode se verificar no esquema da **Fig. 1**, abaixo.

Além do processo de categorização, há também modelos de gramáticas que a linguística cognitiva explora, a saber a gramática cognitiva, de Ronald Langacker (1987, 1991), a gramática de construções – estudos das resultativas, proposto por Adele Goldberg (1995, 2006) além da gramática radical das construções, proposta por Croft (2001), bem como a teoria da mesclagem conceptual, por Fauconnier e Turner (2002).

De acordo com Ribeiro (2007) e Ferrari (2014), a linguística cognitiva por ser considerada uma vertente integralizada da cognição por inter-relacionar-se com partes do sistema cognitivo, tais como percepção, memória e raciocínio, dentre outras, além de compartilhar propriedades disciplinares com algumas ciências cognitivas, como por exemplo, filosofia, psicologia, inteligência artificial e neurociência.

distinctively to that category”.

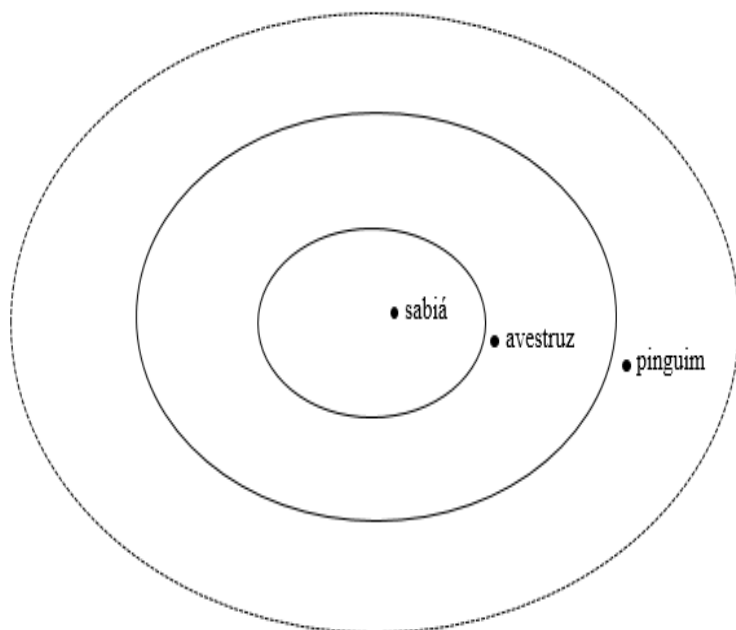


Fig. 1: Categoria Radial. Fonte: FERRARI (2014, p. 42).

3. *A visão sobre o conhecimento de dicionário e enciclopédico na abordagem cognitivista*

A linguística cognitiva adota uma nova perspectiva no paradigma do estudo da linguagem, privilegiando, sobretudo, os usuários da língua, uma vez que esses são postos no escopo da construção do significado. Com efeito, “o falante não é mais visto como um mero manipulador de regras preestabelecidas, mas como um produtor de significados em situações comunicativas reais nas quais interage com interlocutores reais” (MARTELOTTA & RIBEIRO, 2012, p. 181), rejeitando, desse modo,

[...] os postulados da linguística moderna decorrentes do princípio de autonomia da linguagem: entre outros, a separação entre conhecimento “semântico” (ou “linguístico”) e conhecimento “enciclopédico” (ou “extralinguístico”), fundamentada no postulado da existência de um nível estrutural ou sistêmico de significação linguística (relativamente ao qual se considera que se podem e devem definir e analisar as categorias linguísticas), distinto do nível em que o conhecimento do mundo está associado às formas linguísticas. (SILVA, 1997, p. 60-61)

De acordo com Ferrari (2014), a distinção entre *dicionário* e *enciclopédia* levou lexicólogos e lexicográficos a uma profunda investigação desses termos teóricos. Na década de 60, com o surgimento da teoria mentalista da linguagem, estabeleceu-se uma relação entre o conhecimento de dicionário que se somava ao nível de representação mental dos itens lexicais. Pesquisas contemporâneas vêm apontar que, diferentemente, a distinção entre os dois conhecimentos advém de aspectos puramente convencionais. Ainda assim, a linguística cognitiva presume que *conhecimento de dicionário* pertença à uma subdivisão do conhecimento enciclopédico, de caráter mais abrangente.

Ainda para a autora, comumente associa-se o conhecimento de dicionário ao estudo semântico-lexical, que privilegia o significado das palavras. Essa concepção respalda-se na hipótese da *modularidade*, amparada pela teoria gerativa, a qual, por sua vez, sustenta que o conhecimento linguístico é específico, ou seja, de natureza distinta dos demais tipos de conhecimentos de mundo. Devido a este pensamento, “assume-se que o conhecimento linguístico é representado em um componente especializado, denominado *dicionário mental* ou *léxico*”. (FERRARI, 2014, p. 16)

Desta forma, os significados em termos de atributos linguísticos armazenados na memória do indivíduo podem ser definidos de forma semelhante como no dicionário, ou, como entende Ferrari (2014):

No modelo de dicionário, o significado central de um item lexical é a informação contida na definição da palavra (por exemplo, esposa significa *mulher adulta casada*). O conhecimento enciclopédico (por exemplo, conotações estereotipadas referentes ao papel de esposa, como zelo) é consideração não linguístico. (FERRARI, 2014, p. 16)

Em outras palavras, o modelo de dicionário se limita às propriedades de aplicação da semântica lexical e às relações de sentidos estabelecidos com mundo, e dá-se por intermédio do campo pragmático, o qual, segundo a visão formalista, é extrínseco ao domínio da linguagem. Assim, para a linguística cognitiva, segregar os conceitos de *conhecimento lexical* e *conhecimento de mundo* pode suscitar um encadeamento de problemas. Inicialmente, pode-se apontar que o modelo de dicionário retrata a compreensão de que as palavras têm uma semântica de caráter próprio relacionado ao significado. Para Ferrari (2014),

[...] a linguística cognitiva reconhece a arbitrariedade da dicotomia entre semântica e pragmática: assim como o conhecimento linguístico não pode ser adequadamente separado do conhecimento de mundo, o conhecimento semântico não pode ser separado, de forma rígida, do conhecimento pragmático. A visão enciclopédica assume que os significados convencionalmente associados

às palavras são abstrações a partir de uma vasta gama de contextos de usos associados a um lado item lexical. (FERRARI, 2014, p. 17)

Posteriormente, completa o raciocínio ao alegar que:

O significado associado às palavras sempre envolve o significado pragmático. O significado convencional é, na verdade, uma afirmação desse significado prototípico a partir de várias interpretações situadas pragmaticamente. Portanto, o significado pragmático é considerado *real*, e o significado convencional é visto como abstração. (FERRARI, 2014, p. 18)

Vale afirmar que a perspectiva adotada pela linguística cognitiva é *baseada no uso*, e assume a premissa norteadora de que a construção de sentidos é orientada pelo contexto. Devido a isto, a semântica cognitiva refuta a concepção de que léxico mental disponha do conhecimento semântico de modo separado de outros saberes. Sobre isso, Langacker se posiciona:

(...) a distinção entre semântica e pragmática (ou entre conhecimento linguístico e extralinguístico) é bastante artificial, e a única concepção viável da semântica é aquela que evita falsas dicotomias, apresentando, conseqüentemente, natureza enciclopédica. (LANGACKER, 1987, p. 154)

Embora haja uma associação entre construção do significado e conhecimento enciclopédico, ressalta-se que essa acepção adotada não denota, em termos de análise, que tal construção se estabeleça de modo desorganizado, pois “a semântica cognitiva caracteriza o conhecimento enciclopédico como um sistema estruturado e [bem] organizado em rede, assumindo que os diferentes aspectos do conhecimento a que uma palavra dá acesso não têm *status* idêntico” (FERRARI, 2014, p. 19). Langacker (1987), a fim de orientar um trabalho significativo, preconiza quatro propostas que podem contribuir para a centralidade das informações na rede enciclopédica:

- a) **Convencional:** Trata-se de um conhecimento compartilhado entre uma comunidade de fala. Esse conhecimento apresenta relativa probabilidade de ser mais central no que tange a sua representação mental de um determinado conceito lexical.
- b) **Genérica:** Conteúdo caracterizado pela não especificidade, ou seja, trata-se de uma informação de teor profundamente genérica.
- c) **Intrínseca:** Trata-se de um conceito do significado que não considera fatores externos.
- d) **Característica:** Uma informação objetiva capaz de identificar o membro de uma classe devido ao seu caráter particular.

Essas propostas justificam-se por comprovar o estabelecimento de uma estrutura organizada de conhecimento e, concomitantemente, atuam como enfraquecedoras de argumentos como o de que haveria uma falta de plausibilidade cognitiva no modelo enciclopédico. Ferrari (2014) interpreta que essa centralização no nível do enunciado dá-se em razão da maior probabilidade de ativação no contexto do enunciado em que esse ocorre. Nessa perspectiva, compreende-se que os enunciados não funcionam como *pacotes* que guardam o significado, mas como mecanismos que atuam como uma *estrutura* que encadeia o acesso ao conhecimento.

4. Considerações finais

Este texto procurou estabelecer uma leitura atualizada a respeito da linguística cognitiva, considerando as premissas básicas sobre a construção desta, além de ter procurado demonstrar no que se difere do postulado gerativista. Ressaltou-se que a linguística cognitiva assume uma visão não modular, uma vez que prevê princípios cognitivos gerais que são compartilhados pela linguagem, dentre outras capacidades cognitivas (FERRARI, 2014). Autores como Martelotta & Ribeiro (2012) alegam que essa ciência cognitiva se respalda, sobretudo, em uma visão integradora do fenômeno da linguagem, fundamentada na conjectura de que não há necessidade de se realizar uma distinção entre os conhecimentos linguísticos e não-linguísticos.

Constatou-se também que para se realizar o processo de categorização era necessário que o objeto dispusesse de todos os atributos essenciais, o que foi revisado, posteriormente, por Katz e Fodor (1963). Demonstrou-se a existência de um sistema de categorização entre chamadas fronteiras *prototípicas* e *categoriais*. Nesta fronteira, ilustrou-se uma escada de *prototipicidade*, tendo como exemplos básicos o sabiá, o avestruz e, por último, o pinguim, que se encontra na camada *periférica* da escola, isto é, em uma posição distanciada dos traços centrais.

Ao longo das discussões realizadas, evidenciou-se que para a linguística cognitiva os usuários da linguagem encontram-se em posições prestigiadas, i.e., são postos no escopo da construção do significado. Devido a isto, os falantes passam a serem vistos não mais como piões a executarem regras, mas como produtores em potencial de significados. Para Geeraerts (2006), os significados são construídos na linguagem a partir de experiências que os indivíduos vivenciam.

Por fim, Ferrari (2014) entende que as palavras não contêm significados fechados, mas ajudam a nortear a construção de sentido. Martelotta & Ribeiro (2012) compartilham dessa perspectiva ao afirmarem que na concepção cognitivista não há significados prontos, mas, sim, mecanismos de construção de significação a partir de situações contextuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHOMSKY, Noam. *Reflections on language*. New York: Pantheon, 1975.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *Conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FERRARI, Lilian. Modelos de gramática em linguística cognitiva: princípios convergentes e perspectivas complementares. *Cadernos de Letras da UFF* — Dossiê: Letras e cognição, n. 41, p. 149-165, 2010.

_____. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2014.

GEERAERTS, Dirk et al. (Eds.). *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

GOLDBERG, Adele. *Constructions*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

KATZ, J. J.; FODOR, J. A. The Structure of a semantic theory. *Language*, 39, 1963.

_____; _____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar I: theoretical prerequisites*. Stanford CA: Stanford University Press, 1987.

_____. *Foundations of cognitive grammar II: descriptive applications*. Stanford CA: Stanford University Press, 1991.

LEITE, Marcelo Andrade. *Resultatividade: um estudo das construções resultativas em Português*. 2006. Tese (doutorado em linguística). – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MARTELOTTA, Mario Eduardo; RIBEIRO, Roza Maria Palomanes. Linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 177-192.

RIBEIRO, Roza Maria Palomanes. *Construções gramaticais: uma análise das resultativas do português com o verbo ficar*. 2007. Tese (de doutorado em linguística). – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SILVA, Augusto Soares da. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 1, n. 1-2, p. 59-101, 1997.